

**O
PORTUGUÊS
À
DESCOBERTA
DO
BRASILEIRO**

Fernando Venâncio

NÃO-FICÇÃO · LÍNGUA PORTUGUESA

ÍNDICE

CONTACTOS BRASILEIROS	9
Um português à solta	10
Um antibrasileirismo larvar	13
Música e banda desenhada	17
Um pouco de história	19
Uma norma brasileira	24
Entretanto, no Brasil	27
Auto-imagem e a imagem do outro	29
Mas antes disso...	31
BRASILEIRISMOS: DADOS ACTUAIS DE UM PARADOXO	33
BRASILEIRISMOS: QUE UNIDADE?	49
A LÍNGUA DO BRASIL E A ACTUAL FICÇÃO PORTUGUESA	61
O BRASILEIRO SEM MESTRE	71
ESTA LÍNGUA BENDITA.	83
O PORTUGUÊS DOS OUTROS	89
REDESENHANDO O PORTUGUÊS	95
Marcas brasileiras	98
O problema das traduções	101
A língua pródiga	105
O goleiro e o ouro do Brasil	107

Tróia ao barulho	109
ALGUMAS CURIOSIDADES	113
«Mi àmará ela?».	113
Machucar, enxergar.	114
Ora, pois!	114
Bicha <i>vs.</i> paneleiro	115
Só que	116
Queria... Podia...?	117
Chamar de	117
Uma palavra mais	118
Não tem pressa	119
Vocabulário avulso.	119
Cair a ficha	120
Meu maridão.	121
Demais	121
O QUE EU NÃO POSSO DIZER	123
E se afinal fosse verdade?.	125
Um <i>post</i> no <i>Facebook</i>	126
«É próclise? Está errado!».	127
E O FUTURO?	131
BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL	134

CONTACTOS BRASILEIROS

No Verão de 1988, tendo eu regressado definitivamente à Universidade de Amesterdão (onde iria ficar até à reforma, em 2010), soube que estava incumbido das matérias de História e Literatura do Brasil. Eram cadeiras de nível introdutório, mas mesmo assim passei as férias em releituras de estudos e de obras literárias. Nestas, recordo-me de Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Rubem Fonseca.

O meu primeiro contacto com a realidade além-oceano tinha-se dado em plena infância. Bastantes histórias aos quadrinhos (hoje *banda desenhada* ou *BD*) chegavam-nos em edições brasileiras. Aí predominava uma linguagem informal, aquela mais marcadamente diferente da nossa, o que não nos impedia o deleite. A rádio, também ela, transmitia frequentemente modinhas do Brasil. Delas e das histórias aos quadrinhos falarei adiante. Em nada disso, de resto, me distinguia de qualquer miúdo da minha idade em meios citadinos, nesses anos de 1950. E foi aos 10 anos que tive, finalmente, contacto com brasileiros genuínos. Um deles iria ser meu professor de língua portuguesa.

O padre Celso Figueiredo, assim se chamava, contava-nos histórias da sua cidade natal, Santos. Recitava-nos poemas de autores brasileiros, entre eles Gonçalves Dias, estudante em Coimbra nos anos de 1840, definhando de saudades: «Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá. / As aves que aqui gorjeiam / Não gorjeiam como lá.»

Ensinava-nos o sacerdote palavras que supunha, e bem, de menor circulação em Portugal: *canhenho*, *bestunto*, *cotejar*, *entrosar*. E ajuntava, com um sorriso travesso, *traquejo* e *traquejar*. Ter um brasileiro como professor enriquecia-nos.

Nada, porém, nos fazia suspeitar que, passados 20 anos, agora através da televisão, crianças e adultos portugueses iriam ter contactos com o português do Brasil numa ordem de grandeza inimaginável. Desse cenário então futuro se ocupará este livro, centrando-se a atenção em matérias pertencentes à estrutura do idioma.

Um português à solta

Quando falam e quando escrevem, os brasileiros exprimem-se – é o menos que se pode dizer – diferentemente de nós. A esse respeito, circulam entre os portugueses duas apreciações que diremos alucinadas. Uma sofre de imparável euforia. «Olha como eles dizem! Tão queridos!» É o célebre ‘português com açúcar’. No extremo oposto, acham-se indivíduos horrorizados: «Eles nem português sabem falar!»

Temos, assim, o clube dos eufóricos, pessoalmente orgulhosos de terem criado a nação brasileira, e o clube dos inconsoláveis por verem os brasileiros obstinados no seu ‘crioulo’ (*sic*).

Estes últimos, os inconsoláveis, são os mais complicados. Não se percebe se esperam que o Brasil consiga algum dia exprimir-se num português decente, ou se antes desejam que ele, de uma vez por todas, vá à sua vida, abandonando o grémio dum idioma incorruptível.

Esta última posição esconde uns pingos de verdade. ‘Eles’, de facto, não sabem o ‘nosso’ português. Mas também o dispensam. E vamos ser sinceros: nós também não somos fortes no português deles. Se virmos bem, a expressão brasileira mostra, até, um indesmentível bom gosto. Desde que foram deixados à solta, os brasileiros produziram

modos de dizer que nunca nos passariam pela cabeça e que são, não raro, um sumo de inventiva. Alto! Dissemos que os falantes brasileiros foram deixados à solta? Não é inteiramente exacto. À solta estiveram eles sempre. Nós é que só muito tarde reparámos nisso. (Anotese que essa acertada caracterização de «o português à solta» foi, no passado, proposta por Agostinho da Silva.)

Em finais do século XIX, o brasileiro Artur Azevedo publicou uns *Contos Fora da Moda*. Num deles, «A Praia de Santa Luzia», narra-se o triste mal-entendido amoroso entre certo Maurício e uma moça por ele apaixonada.

Estavam as coisas neste ponto – o fogo ao pé da pólvora – quando um dia, depois do cumprimento e do sorriso habitual, um moleque saltou levípede à plataforma do bondinho, e entregou uma carta a Maurício.

– Esta que Sinhazinha mandou.

O moço, muito surpreso e um pouco vexado, pois percebeu que o velhote, o tal da pilhéria dos três hóspedes, e dois estudantes de Medicina riam à socapa, guardou a carta no bolso, e só foi abri-la na Alfândega.

Me escreva e me diga como chama-se, em que ano está e quando se forma, e quero saber se gostas de mim por paçatempo ou se pedes a minha mão a minha família, que é meu Pay, minha Mãe e um irmão. Desta que lhe ama, Adélia.

Maurício caiu das nuvens, e só então reparou que cometera uma monstruosidade. Nunca lhe passara pela cabeça idéias de namoro, amava muito sua mulher, a mãe do seu filho, e era incapaz de traí-la, desencaminhando uma pobre menina que o supunha solteiro [...]

Reparemos nas diferentes sintaxe e morfologia de que o narrador e a apaixonada se servem. A moça diz: «*Me* escreva e *me* diga»,

«como chama-se», «desta que *lhe* ama». Eram, já então, características da expressão informal brasileira. A gramática do narrador, por sua vez, prescreve: «foi *abri-la*», «era incapaz de *traí-la*», «que *o* supunha». E que constatamos? Que a gramática informal mostrou sempre uma persistência, uma coerência, que não se adequam à displicente designação de ‘crioulo’.

Esse uso de *lhe* e *lhes* como complemento directo (substituindo os pronomes *o, a, os, as*) generalizou-se na informalidade, não obstante a obstinada resistência dos gramáticos, e é encontrável até em textos de linguagem particularmente vigiada.

Conhecido exemplo é «Essa noite eu quero *lhe* usar», em *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, de que existem variantes em curso («Se dispa, por que vou *lhe* usar», «Deite, que vou *lhe* usar»).

Na canção «Com açúcar, com afeto», de Chico Buarque, de 1967, achamos:

E ao *lhe* ver assim cansado,
Maltrapilho e maltratado.
Como vou me aborrecer?

Este emprego de *lhe* tem uso na expressão informal angolana. Cito de *Estação das Chuvas*, de 1996, de José Eduardo Agualusa: «rasgavam os documentos e talvez *lhe* matavam mesmo», «O comandante *lhe* conheço bem, é meu amigo». Ajunte-se que, também aí, o clítico pessoal pode figurar no início absoluto da frase: «Estás assustado, não é? *Me* disseram que pareço o fantasma sem cara.»

Insista-se nessa referida persistência. Como em tantos outros pormenores do idioma, fenómenos que diríamos de recente data revelam-se duma antiguidade que mal imaginávamos. Dá-se, mesmo, um caso deveras curioso. Aquela sintaxe «*como chama-se*», dada em 1894 como